

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

Edição de Arte Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Revisão Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar

2

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2 [recurso eletrônico] / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-206-7

DOI 10.22533/at.ed.067202307

1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR 2, coletânea de vinte e três capítulos que une pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, discute temáticas que circundam a grande área das Letras e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber, como marcado pela proposta multidisciplinar fixada no seu escopo maior.

Destarte, esse volume está ancorado em três eixos maiores: a Linguística, a Letras e as Artes. É assim que o diálogo se dá, sempre observando o entrelaçar com outras áreas, assim como o debatido e refletido a partir de construções sociais para o tema.

No momento dedicado a Linguística, temos doze capítulos que atravessam as variadas correntes analíticas dos estudos linguísticos, dos estudos advindos das contribuições de Saussure até mesmo a aplicação do ensino de língua, seja portuguesa ou inglesa, e a sua interação com o suporte, com o livro didático.

A etapa voltada para a Literatura, apresentamos seis capítulos que mantêm essa proposta de diálogo com a atualidade e com os dilemas sociais do momento, assim observamos discussão que paira os livros infantis e as representações de sentimentos e perturbações humanas na composição literária.

As Artes aqui congregam cinco capítulos que abordam a dramaturgia, a pintura e a música, esta também dialogada com a experiência e o exercício do profissional da área.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE PODER: UMA REVISÃO HISTÓRICA A PARTIR DOS EXCERTOS DE SAUSSURE	
Lucas da Silva Paulino	
DOI 10.22533/at.ed.0672023071	
CAPÍTULO 2	15
A INTERFERÊNCIA DOS FATORES EXTRALINGUÍSTICOS NA CONCORDÂNCIA VERBAL	
Renné da Glória Andrade Valéria Viana Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0672023072	
CAPÍTULO 3	20
CASOS DE FLUTUAÇÃO DO MODO SUBJUNTIVO: ATOS DE FALA DO CAMPO SEMÂNTICO DE DÚVIDA	
Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque Alessandra Zager Tinoco Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0672023073	
CAPÍTULO 4	38
ENTRE PALAVRAS E PALAVRÕES CAMINHA A HUMANIDADE: INTERFACES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS	
Samara Trovão Meneguetti Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023074	
CAPÍTULO 5	51
A PERSPECTIVA INTERACIONISTA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA E COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM ESTUDO DE INTER-RELAÇÕES	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023075	
CAPÍTULO 6	63
ONDE ESTÁ O SUCESSO? UMA ANÁLISE DA OBRA “O SUCESSO PASSO A PASSO”	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.0672023076	
CAPÍTULO 7	78
POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO	
Laíza da Costa Soares Araújo Mônica Mano Trindade Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.0672023077	
CAPÍTULO 8	91
DISCURSO JURÍDICO E PLANEJAMENTO FAMILIAR: ANÁLISE SOB UM VIÉS FOUCAULTIANO	
Felipe Bini Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.0672023078	

CAPÍTULO 9	102
GÊNEROS TEXTUAIS E DOCÊNCIA COMPARTILHADA, UMA PRÁTICA AO AUXÍLIO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM	
Cleber Cezar da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0672023079	
CAPÍTULO 10	113
ATIVIDADES DE ENSINO DE VOCABULÁRIO EM LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: SOB OS ASPECTOS LEXICAIS	
Rosemeire de Souza Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230710	
CAPÍTULO 11	125
O LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO HISTÓRICA SOBRE ESTE INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	
Gabriela Schmitt Prym Martins Roberta Costella	
DOI 10.22533/at.ed.06720230711	
CAPÍTULO 12	137
PRÁTICAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS CURTOS EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO	
Gabriel Marchetto	
DOI 10.22533/at.ed.06720230712	
CAPÍTULO 13	144
A FUNÇÃO SOCIAL DOS LIVROS INFANTIS COM PROTAGONISTAS/PERSONAGENS NEGROS	
Thamiris Adão Ferreira da Silva Jovana Aparecida da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230713	
CAPÍTULO 14	154
PERCEPÇÕES SOBRE O LIVRO CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA	
Katiane Dal Molin	
DOI 10.22533/at.ed.06720230714	
CAPÍTULO 15	164
TEXTURAS E TESSITURAS DA LÍRICA: UM MODO DE LER A POESIA DE MAX MARTINS	
Carolina da Costa de Almeida Raphael Bessa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.06720230715	
CAPÍTULO 16	176
A REPRESENTAÇÃO DA LOUCURA, MORTE E LUTO NO CONTO “A TERCEIRA MARGEM DO RIO” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Thaína Martins da Silva Lídia Maria Nazaré Alves	
DOI 10.22533/at.ed.06720230716	

CAPÍTULO 17	187
RELACIONAMENTO ABUSIVO COMO MORTE METAFÓRICA: ANÁLISE DA OBRA RETRATOS DE CAROLINA DE LYGIA BOJUNGA	
Ana Carolina de Castro Batista Thiago Alves Valente	
DOI 10.22533/at.ed.06720230717	
CAPÍTULO 18	198
CAMILO CASTELO BRANCO NO SÉCULO XXI	
Luiz Eduardo Martins de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.06720230718	
CAPÍTULO 19	208
O FIO DA NARRATIVA MÍTICA NA TRAMA DE DRAMATURGIAS FEMINISTAS	
Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra	
DOI 10.22533/at.ed.06720230719	
CAPÍTULO 20	216
A CIÊNCIA AO SERVIÇO DA ARTE E DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO: TRÊS CASOS DE ESTUDO EM PINTURAS MURAIIS DO PROJETO <i>PRIM'ART</i>	
Milene Gil Duarte Casal	
DOI 10.22533/at.ed.06720230720	
CAPÍTULO 21	227
OS TRANCOS DO PROGRESSO: O OLHAR CAIPIRA SOBRE SÃO PAULO NA MODA DE VIOLA BONDE CAMARÃO	
Carlos da Veiga Feitoza Beatriz Magalhães Castro	
DOI 10.22533/at.ed.06720230721	
CAPÍTULO 22	243
SITUAÇÃO PROFISSIONAL DE EGRESSOS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA: ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR NA E FORA DA ÁREA DE MÚSICA	
Juraci Alves Silva Neto Cíntia Thais Morato	
DOI 10.22533/at.ed.06720230722	
CAPÍTULO 23	258
A MÚSICA E O INGLÊS DE MÃOS DADAS NA “TARDE CULTURAL”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA ESCOLA MUNICIPAL ROTARY NO MUNICÍPIO DE MOSSORÓ-RN	
Danilo Augusto de Menezes Giann Mendes Ribeiro Rita Célia Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.06720230723	
SOBRE O ORGANIZADOR	269
ÍNDICE REMISSIVO	270

POLIFONIA DE ENUNCIADORES E OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Data de aceite: 13/07/2020

Laíza da Costa Soares Araújo

Mestranda em Linguística pela Universidade
Federal da Paraíba - UFPB
laizamare@hotmail.com

Mônica Mano Trindade Ferraz

Doutora em Linguística e professora da
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
monicatrin@hotmail.com

RESUMO: Sabe-se que, no texto jornalístico, há uma certa preocupação com a imparcialidade na descrição dos fatos, porém, é comum, nesse tipo de texto, a presença de discursos implícitos que não são identificados em sua estrutura superficial, os quais são responsáveis pela quebra dessa imparcialidade, evidenciando que, além da intenção de informar, há outras intenções, como convencer ou expor um posicionamento a respeito dos fatos. Os recursos linguísticos utilizados vão desde o uso de operadores argumentativos ao uso de formas que marcam a isenção de responsabilidade quanto ao discurso do outro, o que evidencia o cruzamento de vozes no texto. É nesse sentido que este trabalho busca analisar um texto jornalístico publicado pelo Jornal G1, a respeito do discurso de Sérgio Moro no Senado, com o objetivo de identificar de que forma são

utilizadas as estratégias argumentativas da língua para direcionar o leitor a um determinado propósito. Do mesmo modo, pretende-se analisar as vozes que permeiam a reportagem na montagem do discurso rumo a uma relação dialógica da linguagem. Para tanto, partimos das teorias da argumentação da linguagem, amparadas, principalmente, por Ducrot (1988) e Koch (2006), para sustentar que o discurso é heterogêneo, ou seja, há diferentes vozes com diferentes pontos de vista que se estruturam em prol de um argumento no fazer linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Polifonia de enunciadores; texto jornalístico; discurso; operadores argumentativos.

ABSTRACT: It is understood that, in the journalistic text, there is a certain concern with impartiality in the description of the facts, however, it is common, in this type of text, the presence of implicit speeches that are not identified in the surface structure of the text, which are responsible for the breach of this impartiality, showing that in addition to the intention to inform, there are other intentions, such as convincing or exposing a position regarding the facts. The linguistic resources used range from the use of argumentative operators, to the use of forms that mark the exemption of responsibility regarding the speech of the other, which shows the crossing of voices in the text.

It is in this sense, that this work seeks to analyze a journalistic text published by Jornal G1, regarding the speech of former Minister Sérgio Moro in the Senate, with the objective of identifying how the language's argumentative strategies are used to direct the reader to a certain purpose, in addition to analyzing the voices that permeate the report in the assembly of the discourse towards a dialogical relation of language. For that, we start from the theories of language argumentation, supported mainly by Ducrot (1988) and Koch (2006), to maintain that the discourse is heterogeneous, that is, there are different voices with different points of view that are structured in favor of an argument in making language.

KEYWORDS: Speaker polyphony; journalistic text; speech; argumentative operators.

1 | INTRODUÇÃO

Embora a linguagem sirva para comunicar e transmitir informação, essa comunicação não funciona apenas como troca de informações, muito pelo contrário, o uso da linguagem (oral ou escrita) é essencialmente argumentativo e intencional (KOCH, 2006). Ou seja, todo enunciado possui uma intenção e uma finalidade, e sua construção segue um caráter argumentativo, orientando os enunciados a uma determinada conclusão que se alinha com a finalidade argumentativa maior. Essas construções podem ocorrer de forma explícita ou implícita, dependendo do gênero, do veículo de comunicação e da intenção do locutor, disponibilizando recursos linguísticos para que o locutor compreenda o enunciado de forma alinhada com os propósitos principais da argumentação.

A polifonia (diferentes vozes) presente no discurso jornalístico funciona como um recurso argumentativo muito válido, pois, uma vez reconhecida a voz responsável por determinado enunciado, é possível identificar o direcionamento argumentativo do discurso analisado. A pressuposição também é um fenômeno marcante nesse tipo de texto, pois possibilita o discurso implícito construído pelo locutor, que por sua vez, oferece uma interpretação junto com o interlocutor

Nesse sentido, sob a orientação teórica da semântica argumentativa, amparando-se nos estudos de Ducrot (1987), no que diz respeito ao fenômeno da polifonia, e Koch (2006) na argumentação como manifestação da língua, este trabalho pretende analisar uma reportagem jornalística, explicitando as diferentes vozes e as interpretações que o interlocutor pode obter a partir dos enunciados implícitos. Outra preocupação da análise é apresentar como é construída a estrutura argumentativa do texto, partindo das diferentes perspectivas de enunciações, e como os argumentos encontrados orientam o discurso para se chegar a uma determinada conclusão.

A reportagem analisada se refere ao depoimento do ex Ministro Sérgio Moro no Senado, quando acusado de orientar a atuação de integrantes da força-tarefa da Lava Jato enquanto estava à frente do processo.

2 | A ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO JORNALÍSTICO

O discurso jornalístico, embora seja conhecido por seu caráter imparcial, seu objetivo não é apenas informar, mas transmitir uma opinião ou juízo de valor a respeito de acontecimentos, pessoas ou instituições, com o intuito de convencer o leitor do que foi escrito. Para Koch (2006), nenhum discurso está isento de ideologia, pois usar a língua é argumentar, e em todos os contextos sociais o homem precisará da língua para se comunicar. Isso implica dizer então que, seja qual for a atividade humana comunicativa realizada por meio da língua, estaremos constantemente argumentando.

A isso, Koch (2006) acrescenta ainda que “o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. Sendo assim, a neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também uma ideologia - a de sua própria objetividade.

Assim, no texto jornalístico, as estratégias argumentativas, tais como discurso de autoridade, uso de aspas, discurso indireto, seleção de palavras ou expressões, posição das palavras ou deixar uma informação implícita na frase validam o caráter parcial desse tipo de discurso. O uso das aspas, em particular, é um recurso muito utilizado, já que, segundo Souza (2008), serve pra distanciar o autor do texto e eliminar a responsabilidade sobre o que foi dito por outra pessoa e garantir maior credibilidade por parte do receptor, que vai se identificar e assumir um posicionamento favorável ou não ao texto. Outro recurso que serve para se distanciar do discurso do outro é o uso do futuro do pretérito que, conforme Souza (2008, p. 3), “é utilizado quando o locutor se isenta do discurso produzido e confere toda a responsabilidade da enunciação e seus possíveis efeitos a outra voz citada em sua locução”. Assim, a polifonia é gerada pela inserção da fala do outro no próprio discurso é um recurso para embasar os propósitos comunicativos do locutor, que pode aderir ou não à tese afirmada e, assim, ocorrer a interação desejada.

A esse respeito, Bakhtin (2006) afirma que a língua é uma prática social em que o papel do outro é muito importante na constituição do significado, já que o texto é construído e dirigido a partir da visão que se tem do outro. Ainda conforme o autor, essa relação de confronto é primordial para a formação da língua como prática social, uma vez que é esta é resultado dos fatores histórico-sociais de uma sociedade.

No discurso jornalístico, muito se fala acerca de existir essa neutralidade, de que se mantenha uma imparcialidade na descrição dos fatos abordados nas matérias. Além disso, conforme, Fiorin (1998, p.37), há um “culto” na sociedade à individualidade e a originalidade e um olhar negativo para a “reprodução” ou “cópia” de algo já feito por alguém. No entanto, embora a produção de um texto seja individual, o discurso é construído socialmente, e todo discurso cita outro, e não há discurso único ou “irrepetível” (FIORIN, 1998, p. 41)

Entretanto, como Koch (2006) e outros linguísticas já puderam postular, trata-se de um mito, uma vez que todos os nossos discursos estão comportados com intenções, além dos objetivos que pretendemos com os atos comunicativos de fala apontados postulados por

Austin (1990), quando do dizer é fazer. A respeito disso, Fiorin (1998, p. 74) afirma que

“quando um enunciador comunica alguma coisa, tem em vista agir no mundo. Ao exercer seu fazer informativo, produz um sentido com a finalidade de influir sobre os outros. Deseja que o enunciatário creia no que ele diz, faça alguma coisa, mude de comportamento ou de opinião etc. Ao comunicar, age no sentido de fazer-fazer. Entretanto, mesmo que não pretenda que o destinatário aja, ao fazê-lo saber alguma coisa, realiza uma ação, pois torna o outro detentor de um certo saber.

Com Grice (1982), entendemos que o sentido de um enunciado vai além do seu significado concreto, pois muito do que é dito está em um campo implícito, que precisa do contexto para se chegar a uma compreensão mais ampla. A Teoria da Argumentação defendida por Ducrot (1987) defende que também é possível encontrar esses implícitos no próprio enunciado através da identificação das vozes que permeiam o texto e também pelo não dito, denunciando, por sua vez, o seu direcionamento argumentativo, isso porque a significação está na língua e os sentidos gerados são essencialmente argumentativos.

Portanto, mesmo o contexto de produção jornalística não se abstém desse fato concreto do funcionamento da língua, que anula o posicionamento imparcial no fazer jornalístico. A respeito disso, Citelli (1991) afirma que a escolha de determinados elementos linguísticos em detrimento de outros revela o posicionamento do locutor.

Se as palavras, por exemplo, nascem neutras, mais ou menos como estão em estado de dicionário, ao se contextualizarem, passam a expandir valores, conceitos, pré-conceitos. Nós iremos viver e aprender em contato com outros homens, mediados pelas palavras, que irão nos informar e formar. As palavras serão por nós absorvidas, transformadas e reproduzidas, criando um círculo de formação e reformulação de nossas consciências. (CITELLI, 1991, p. 28)

É nesse sentido que, no discurso jornalístico, a argumentação é construída com o intuito de convencer ou apresentar uma opinião ao público leitor, que é uma peça fundamental nesse processo, já que sempre há uma preocupação com a forma de como este irá receber a mensagem que foi transmitida. Segundo Silva (2012), a teoria da argumentação, proposta apresentada por Ducrot e colaboradores (1988) em Teoria da Argumentação da Língua (TAL), é uma resposta à concepção tradicional da argumentação. A teoria avança com uma noção de que os contextos contribuem para a forma como o enunciado é produzido, e que a língua não trata apenas de informar sobre o mundo, mas também se comporta como “um meio para construir discursos” (Ducrot, 1994, p. 193). Segundo o autor a significação é feita a partir da língua.

Tendo esclarecido como o texto jornalístico é isento de imparcialidade e que, a luz das teorias linguísticas da argumentação, a comunicação na língua também é um ato, e esse ato é essencialmente argumentativo, na próxima sessão trataremos da polifonia de enunciadores amparada por Ducrot (1994)

3 | A TEORIA POLIFÔNICA DA ENUNCIÇÃO

Para Bakhtin (2006), o texto nunca é isento de outras vozes, mas incorpora outros sujeitos, formando uma relação dialógica, que se dá por palavras isolas ou por um enunciado completo. É dessa forma que a língua se constitui na interação, de forma dialógica, pois os discursos se cruzam durante a enunciação. Essa relação, segundo Barros (1999), gera um confronto de vozes que se manifestam a partir do momento em que podem ser ouvidas pela polifonia construída, ou seja, é a interação gerada pelo discurso que expõe a polifonia dos enunciadores. Pedrosa (2007) afirma que é esse cruzamento de textos presente nas diferentes práticas linguísticas que forma essa pluralidade de vozes, uma polifonia, que se constitui como fator importante na construção do sentido da linguagem. Conforme Fiorin (1998, p. 38):

[...] O mesmo discurso pode ser manifesto por diferentes textos e estes podem ser construídos com materiais de expressões diversos.

[...] quando um discurso é expresso por dois textos diferentes, ambos reproduzem o sentido básico do discurso, mas cada um apresenta certas peculiaridades significativas.

Assim, a polifonia pode ser definida, de modo geral, como o fenômeno que apresenta a voz de um texto em outro. Segundo Silva (2012), a polifonia é um conceito literário que é reaproveitado para os estudos linguísticos por Ducrot (1988). Segundo este, o termo apresenta uma noção de que “o autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, mas que põe em cena no mesmo enunciado um certo número de personagens.” Ou seja, é comum em um enunciado haver diversos sujeitos e suas respectivas vozes que possuem status linguísticos diferentes e podem se confrontar. As marcas linguísticas presentes no enunciado podem ajudar na identificação do locutor (SILVA, 2012, 50,51)

Na teoria polifônica da enunciação, a ideia de sujeito é extremamente relevante, mas para entendermos o sujeito devemos compreender alguns conceitos correlacionados, como, por exemplo, o de *sujeito empírico*, de *locutor* e o de *enunciador*. O sujeito empírico, para Ducrot (1988), “é o autor efetivo, o produtor do enunciado”. Quanto ao locutor, é a pessoa responsável pela enunciação (DUCROT, 1988).

A polifonia de locutores, ainda segundo Ducrot, diz respeito à “presença de vários personagens em um único enunciado”. Pode ser encontrada no “discurso relatado em estilo direto” (DUCROT, 1987, p. 185), como por exemplo em “o médico pediu: pare de fumar”. Neste exemplo, temos o que Ducrot chama de discurso direto, onde há um menor comprometimento do locutor, já que no discurso um outro locutor é invocado, neste caso uma pessoa de autoridade. Também existe o discurso relatado de forma indireta, como no exemplo “o médico pediu para que eu parasse de fumar, em que existe um maior comprometimento já que o enunciado é produzido pelo próprio locutor, e não mencionado, como no caso do discurso direto exemplificado anteriormente.

Já a polifonia de enunciadores refere-se “aos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado” (DUCROT, 1987, p.20). Tais pontos de vista são identificados

como enunciadores, os quais são interligados à enunciação do locutor, formando as diferentes vozes que compõem o discurso. Segundo Ducrot (1987, 142), as origens dessas vozes podem ser referidas “ao(s) interlocutor(es), a terceiros ou à opinião pública em geral”. A pressuposição, o humor, a ironia e a negação são exemplos de polifonia de enunciadores. O locutor pode, em relação aos enunciadores, posicionar-se da seguinte forma: a) Identificar-se como um dos enunciadores; a) Aprovar um ponto de vista; b) Opor-se a um ponto de vista.

As teorias elencadas até aqui, serviram para justificar o caráter não individual da linguagem e a existência de várias vozes no discurso, porém na constituição da análise do *corpus*, usaremos como base a argumentação da língua apresentada por Ducrot (1987) e Koch (2006).

4 | DISCUSSÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

Nesta seção, tentaremos identificar como essas relações dialógicas acontecem e como os operadores argumentativos são organizados de modo a conduzir o leitor a reagir de forma favorável aos propósitos apresentados na interação.

Na reportagem, conseguimos mapear os seguintes locutores: L1) jornalistas autores do texto; L2) Sérgio Moro e L3) parlamentares presentes na reunião da sessão no CCJ, da qual a reportagem trata e, sendo assim, termina por, nos momentos em que L1 se utiliza do discurso direto e indireto, invocar o discurso de L2 e L3, já que o modelo da reportagem propõe uma descrição do que foi dito pelas pessoas presentes na reunião, além do próprio Sérgio Moro, conforme demonstrado nos trechos a seguir.

a) *Moro diz no Senado que não tem nada a esconder e não tem apego ao cargo de ministro*

- E1: Existem provas que acusam Moro;
L2: Rechaça E1
- 5. E2: Não existem provas que acusam Moro;
L2: Concorda com E2
- E3: Moro teme perder o cargo de ministro;
L2: Rechaça E3
- E4: Moro não teme perder o cargo de ministro;
L2: Concorda com E4

No exemplo acima, percebemos o uso do discurso indireto por parte L1 para marcar o distanciamento do discurso de L2. A presença das duas negações mostra que o fato de “não tem nada a esconder” não se relaciona diretamente com “não tem medo de perder o cargo de ministro”, levando um questionamento para o leitor de que se o ex Ministro fala da possibilidade de perder o cargo, talvez tenha algo a esconder sim. Dessa forma, L1 rechaça o discurso de L2, em “não tem nada a esconder”, assumindo que é provável que o discurso de L2 seja falso, concorda com L2 em “não tem apego ao cargo de Ministro”.

b) **Em diversos momentos da sessão**, Sérgio Moro **disse** *desconfiar da autenticidade das mensagens publicadas pelo The Intercept e afirmou que, na avaliação dele, a divulgação dos diálogos foi feita de forma “sensacionalista” por parte do site.*

O trecho acima levanta os seguintes enunciadores:

- E1: Houve mais de um momento na sessão
L1: Concorda com E1
L2: Concorda com E1
- E2: Houve conversas divulgadas
L1: Concorda com E2
L2: Concorda com E2
- E3: Houve conversas não autênticas
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E3
- E4: Houve conversas autênticas
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Rechaça E4
- E5: A divulgação foi sensacionalista
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E5
- E6: A divulgação não foi sensacionalista
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Rechaça E6

Aqui, percebe-se que o autor da reportagem enfatiza o fato de que Sérgio Moro repetiu a afirmação várias vezes durante a sessão, o que, no ponto de vista do jornalista, seria uma atitude um tanto questionável. Além disso, a presença do discurso indireto em “disse”, “na avaliação dele” e “sensacionalista”, mostra a preocupação, por parte de L1, em se isentar da responsabilidade do discurso de L2, ao mesmo tempo que se distancia deste, supondo que o discurso de L2 é questionável.

c) *Utilizando-se da expressão “sensacionalista”, repetida várias vezes por Moro ao longo da audiência, o senador baiano indagou ao ex-juiz: “Foi uma medida sensacionalista divulgar as conversas grampeadas da presidente Dilma Rousseff?”, referindo-se ao fato de o ministro ter autorizado, à época em que era magistrado, a divulgação de conversas telefônicas da petista com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.*

O trecho acima levanta os seguintes enunciadores:

- E1: A divulgação das conversas da ex Presidente Dilma foi ilegal.
L1: Não assume diretamente o E1
L2: Rechaça E1
L3: Concorda com E1

- E2: A divulgação das conversas da ex Presidente Dilma não foi ilegal.
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E2
L3: Rechaça E2
- E3: Sérgio Moro autorizou a divulgação das conversas da ex Presidente.
L1: Concorda com E3
L2: Concorda com E3
L3: Concorda com E3
- E4: Houve uma divulgação de conversas da Presidente Dilma.
L1: Concorda com E3
L2: Concorda com E3
L3: Concorda com E3

Mais adiante, a reportagem enfatiza o uso demorado do termo “sensacionalista” por parte do ex Ministro, dessa vez, utilizando-se do discurso de L3. Percebe-se que L1 ainda complementa o discurso de L3 explicando o fato que contradiz a fala de L1. Assim, L1 rechaça o discurso de L2, e adota o de L3.

d) Ao tratar do tema no Senado, Moro disse que “ninguém é a favor do abuso de autoridade”. Para ele, o tema deve ser discutido com “muita ponderação” para evitar uma “precipitação” que gere “retrocesso”.

O trecho acima levanta os seguintes enunciadores:

- E1: Ninguém é a favor do abuso de autoridade;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: concorda com E1
- E2: O tema deve ser discutido com ponderação;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E2
- E3: O tema não deve ser discutido com ponderação;
L1: Não se posiciona diretamente. Mas direciona o leitor para concordar com E3
L2: Rechaça E3
- E4: A falta de ponderação na discussão do tema pode gerar retrocesso;
L1: Não se posiciona diretamente. Mas direciona o leitor para rechaçar E4
L2: Concorda com E4

Aqui, pode ser percebido o uso dos discursos direto e indireto, o que demonstra bastante preocupação por parte do jornalista em se distanciar das falas ex Ministro e responsabilizá-lo pelo dito, ao mesmo tempo que expressa uma crítica à fala do outro, quase questionando o seu discurso diante do leitor. Além disso, os termos destacados por aspas estão relacionados

de modo a pressupor que o ex Ministro está tentando diminuir o peso das acusações e teme a repercussão destas. Assim, percebe-se que L2 rechaça o discurso de L1 dado em “ninguém é a favor do abuso de autoridade” e “muita ponderação”, adotando novamente a posição de questionamento diante do discurso de L2

e) **Apesar das críticas, também** houve afagos de aliados ao trabalho de Sérgio Moro na condução dos processos da Lava Jato no Paraná. Fazendo **coro** ao ministro, senadores governistas afirmaram que houve ilegalidade na obtenção e divulgação das mensagens do Telegram.

- E1: Houve críticas ao discurso de Sérgio Moro;
 - L1: Concorda com E1
 - L2: Concorda com E1
 - L3: Concorda com E1

- E2: Houve afagos de aliados ao trabalho de Sérgio Moro;
 - L1: Concorda com E1
 - L2: Não se posiciona diretamente
 - L3: Concorda com E2

- E3: Houve ilegalidade na obtenção e divulgação das mensagens;
 - L1: Não se posiciona diretamente. Mas induz o leitor a rechaçar E3
 - L2: Concorda com E3
 - L3: Concorda com E3

- E4: Não houve ilegalidade na obtenção e divulgação das mensagens;
 - L1: Não se posiciona diretamente. Mas induz o leitor a concordar com E4
 - L2: Rechaça E4
 - L3: Rechaça E4

Em alguns momentos, no uso do discurso indireto, os autores da reportagem transparecem as suas subjetividades, no sentido de concordar ou não, e/ou até mesmo questionar o que esses próprios locutores enunciam, como no exemplo acima, em que é usado um recurso de generalização de um enunciado para dar ênfase de que vários locutores estavam apoiando o ministro, o que fica ainda mais claro, principalmente pelo uso das palavras “coro” e “afagos”. Além disso, também temos o uso dos termos “apesar de” e “também”, enfatizando o segundo argumento como mais forte. Aqui, L1 adota os primeiros enunciados, pelo uso desses termos e rechaça o discurso de L3 em “afirmaram que houve ilegalidade na obtenção e divulgação das mensagens do Telegram”.

f) *Veja um resumo dos principais pontos da audiência do Senado com Sérgio Moro: Ministro **negou** “conluio” com o Ministério Público para atingir grupos políticos; **disse** que está absolutamente tranquilo sobre a “correção” das decisões que tomou como juiz; **afirmou** que não tem apego ao cargo de ministro da Justiça; **levantou suspeita** sobre o conteúdo das mensagens divulgadas pelo site *The Intercept*; **sugeriu** que material entregue ao site foi obtido por meio de uma invasão de celulares de autoridades feita por um “grupo criminoso”; **disse** não ter medo da divulgação de novos diálogos e desafiou o site a divulgar “tudo de uma vez”.*

- E1: Alguém acusou Moro de “conluio”;
L1: Concorda com E1
L2: Concorda com E1
- E2: Grupos políticos foram atingidos;
L1: Concorda com E2
L2: Concorda com E2
- E3: Moro tem apego ao cargo de ministro;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Rechaça E3
- E4: Moro não tem apego o cargo de ministro;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E5
- E5: O conteúdo das mensagens é verdadeiro;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Rechaça E5
- E6: O conteúdo das mensagens é falso;
L1: Não se posiciona diretamente
L2: Concorda com E6
- E7: O site não divulgou as mensagens por completo;
L1: Concorda com E7
L2: Concorda com E7

O uso de “disse”, “levantou suspeita”, “negou”, “sugeriu”, mostra uma preocupação por parte de L1 em se distanciar do discurso de L2 e se mostrar imparcial, ao mesmo tempo que, de forma sutil, mostra sua parcialidade, que seria a rejeição ao discurso de L2. Outro exemplo que evidencia essa crítica à fala de L2 se mostra quando o autor da reportagem usa aspas no trecho “**sugeriu** que material entregue ao site foi obtido por meio de uma invasão de celulares de autoridades feita por um “**grupo criminoso**””, entregando isso nas mãos do leitor para que este tire suas próprias conclusões, se, do ponto de vista do senso comum, seria ou não errado espionar uma conversa para descobrir um crime. Além disso, o uso do termo “levantou suspeita” também aponta um questionamento para o leitor.

*g) Parlamentares da oposição fizeram as perguntas **mais** duras ao ex-magistrado. Os senadores Jaques Wagner (PT-BA) e Weverton (PDT-MA) chegaram a indagar se, diante das mensagens divulgadas pelo The Intercept, não seria o caso de o ministro pedir demissão do governo federal*

- E1: Houve perguntas mais duras ao ex-ministro;
L1: Concorda com E1
L3: Concorda com E1

- E2: Senadores sugerem o afastamento de Sérgio Moro;
L1: Concorda com E1
L3: Concorda com E2

No exemplo acima, podem ser notados, no primeiro trecho da reportagem, o uso de operador argumentativo “mais”, que estabelece uma relação de comparação entre os elementos, a favor de uma determinada conclusão, manifestando a opinião do locutor acerca do que está sendo abordado. O uso do “mais” ativa a pressuposição de que houve perguntas menos duras, de modo que os senadores que compõem os partidos da oposição tenderam a fazer perguntas com maior dureza do que aqueles que não eram oposição, o que reforça a ideia de que alguns senadores não foram tão duros nos questionamentos porque estavam apoiando o Ministro de alguma forma.

*h) **Embora** tenha ouvido diversas manifestações de apoio e elogios de aliados do Palácio do Planalto, Sérgio Moro **também** escutou, ao longo das quase nove horas de audiência, críticas inflamadas sobre sua atuação como magistrado de senadores da oposição e ironias de parlamentares do Centrão.*

No uso primeiro uso do “embora”, na segunda linha do quadro, percebe-se uma ênfase para contrastar a ocasião em que o Sérgio Moro tem apoio de aliados com a tensão negativa que é descrita depois. Introduce-se o enunciado com uma certa leveza quanto ao ocorrido na sessão, para gradativamente se ter o emprego de um argumento com carga mais forte, sob suporte do operador “embora”, que costuma vir antes do argumento e antecipa, de antemão, que o primeiro argumento será sucedido por um outro que o anule ou diminua. O uso de “também” serve para indicar essa relação entre os dois argumentos, enfatizando o mais forte. Assim, percebe-se que L1, ao apresentar os fatos, ressalta que o Ministro recebeu mais críticas do que apoio durante seu discurso. Novamente, aqui, percebe-se o questionamento que é direcionado para o leitor, seguindo a “dica” que foi dada por L2 para guiá-lo a um posicionamento alinhado com a opinião do jornal.

*i) O chamado pacote das 10 medidas anticorrupção foi aprovado, em 2016, pela Câmara, **mas** sofreu alterações que desfiguraram a proposta. À época, **além de** retirarem diversas propostas do texto original, os deputados incluíram no projeto a proposta de punição de juízes e membros do Ministério Público por abuso de autoridade.*

No exemplo acima, o uso do “mas” estabelece uma relação de oposição entre o primeiro argumento, de que as medidas anticorrupção foram aprovadas e o segundo, de que, apesar disso, foi de maneira desfigurada. O uso do “mas” tem, então, um forte valor de contrapor as perspectivas elencadas acerca de um mesmo fato, para corroborar em conclusões contrárias. Também é importante atentar para o uso do “além de”, que com seu valor de emprego aditivo permite que mais argumentos possam ser elencados para agregar o que se está defendendo. No caso, estaria reforçando a ideia de que os parlamentares alteraram e

deixaram “brechas” no projeto anticorrupção para favorecer envolvidos. Além disso, a própria escolha de inserir esse trecho na reportagem, mostrando os contrapontos entre o projeto que foi sugerido, “mas” que foi alterado, enfatiza essa rejeição de L1 ao discurso de L2.

De acordo com as análises acima, os autores do texto jornalístico utilizam os dois tipos de discurso, a depender da necessidade da descrição dos fatos, recorrendo, na maioria das vezes, ao uso das aspas. Existe, então, ao que parece, uma certa necessidade de deixar claro um menor comprometimento com o que foi debatido na seção, ou seja, um distanciamento das palavras dos sujeitos invocados no texto. Além disso, foi possível identificar o uso de operadores argumentativos que orientam o interlocutor a elaborar certas conclusões. Os operadores selecionados para a argumentação ora somam elementos a favor de uma mesma conclusão, ora elencam os enunciados em uma escala argumentativa, em que o último argumento possui mais força do que o primeiro. As diferentes vozes apresentadas no discurso se chocam, de modo que L1 não se mostra favorável ao discurso de L2, evidenciando isso pelas estratégias utilizadas para apresentar, de forma sutil, sua parcialidade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do *corpus* analisado observou-se como as estratégias argumentativas se estruturam no discurso jornalístico, caracterizando-o como um texto em que o locutor tenta isentar sua responsabilidade nos enunciados. Essa tentativa acaba por trazer uma multiplicidade de vozes que constituem um movimento polifônico no discurso. Em vários momentos na reportagem, é possível notar o uso de aspas, dos discursos direto ou indireto e de operadores argumentativos que funcionam como marcas linguísticas que direcionam o posicionamento argumentativo do locutor. Existe, então, por parte do locutor, uma necessidade de deixar claro um menor comprometimento com o que foi debatido na sessão ou com as afirmações do ministro, ou seja, um distanciamento das palavras dos sujeitos invocados no texto. Todavia, em alguns momentos, no uso do discurso indireto, o autor da reportagem (L1) transparece as suas subjetividades, mostrando um grau de comprometido quanto ao discurso de L2. Quanto aos operadores argumentativos, L1 os utiliza de forma que orienta o interlocutor a obter certas conclusões. Assim, esta análise aponta que o discurso jornalístico se utiliza sim de manobras argumentativas que dialogam com o interlocutor rumo a uma conclusão, o que, do ponto de vista linguístico trata-se de uma construção a partir de posições de confronto e subjetividade dentro da língua.

É importante ressaltar que não é objetivo deste trabalho questionar o posicionamento do jornalista ao noticiar os fatos, mas esclarecer que, do ponto de vista linguístico, dentro das teorias aqui apresentadas, que a linguagem se constitui a partir desse entrelaçamento de vozes, e que o sentido se constrói a partir do outro. Além disso, a ideia de que, mesmo quando intentamos apenas passar uma informação, trazemos outras vozes para o nosso discurso, que ao mesmo tempo se cruza com nosso para, então, ser repassado novamente para o outro, e o processo se reinicia, marcando o dialogismo constante, do qual a linguagem

se constitui.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990

BARROS, D. L. B. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. Dialogismo, polifonia, intertextualidade. São Paulo: Edusp, 1999

DUCROT, O. Polifonia y argumentacion. Universidade del Valle - Cali. 1988.

_____, O. O Dizer e o Dito. Campinas, Pontes, 1988.

_____, O. Les topi dans la théorie de l'argumentation dans la langue. In: Platin, C. (ed.). lieux communs, topoi, stéréotypes. Paris: Kimé, 1994

FIORIN, J.L. linguagem e ideologia. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: Fundamentos Metodológicos da Linguística. Marcelo DASCAL (org.) Vol. IV. Campinas, 1982.

KOCH, I. G. V. Argumentação e Linguagem. 2 a ed. São Paulo: Cortez. 1987.

KOCH, I. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, M. A. Os operadores de contraposição no gênero resumo acadêmico: perspectiva linguístico-discursiva. (Tese de Doutorado em Linguística). UFPB, Programa de PósGraduação em Linguística, 2012.

BAKHTIN, M. M. Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. (2006)

MAINGUENEAU, D. Análise de textos de comunicação. Trad. Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2000

CITELLI, A. Linguagem e persuasão. São Paulo: Ática. (1991)

PEDROSA, C. E. F. Dialogismo, aspecto constitutivo do discurso uma releitura de Bakhtin a partir de autores nacionais. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, v. 10, n. 04, ago. 2007.

SOUZA, A. A. Análise dos índices de polifonia no gênero editorial. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/anaisjornal/jornal4/comunicacoesPDF/28_polifoniaSOUZA.pdf. Acesso em: 11 de abr. 2020

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 24, 63, 64, 74, 76, 77, 91, 92, 100

Artes 15, 20, 38, 51, 63, 78, 90, 91, 102, 109, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 210, 211, 213, 215, 216, 227, 229, 234, 240, 241, 243, 257, 258, 259, 261, 264, 266, 269, 270, 271

Atos de Fala 20, 21, 22, 26, 37, 233

C

Camilo Castelo Branco 198

Concordância Verbal 15, 16, 17, 18, 19

Conto 102, 103, 108, 154, 155, 156, 158, 161, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185

D

Discurso Jornalístico 78, 79, 80, 81, 89

Discurso Jurídico 91, 97

Dramaturgia 202, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215

E

Ensino 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 37, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 68, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 148, 154, 208, 236, 244, 251, 252, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 269

F

Função Social 144, 148, 150

G

Gênero Textual 102, 104, 108, 109

I

Interacionista 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60

Interpretação 57, 70, 71, 76, 79, 116, 123, 127, 130, 137, 138, 140, 141, 143, 151, 153, 155, 164, 166, 168, 178, 180, 232, 243, 246, 256, 257

L

Letras 15, 19, 20, 31, 38, 42, 51, 58, 61, 63, 76, 78, 91, 92, 102, 103, 111, 112, 113, 125, 136, 137, 139, 144, 146, 154, 164, 165, 176, 179, 186, 187, 197, 198, 208, 216, 217, 227, 230, 242, 243, 258, 265, 266, 269, 270, 271

Língua Estrangeira 8, 10, 11, 20, 21, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 138, 139, 142, 143, 258, 259, 260, 264, 266

Língua Materna 9, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 117, 126, 128, 130, 135

Linguística 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 20, 24, 26, 36, 38, 41, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 73, 74, 76, 78, 90, 91, 92, 102, 113, 114, 125, 128, 131, 133, 137, 144, 154, 164, 166, 174, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 232, 237, 243, 258, 269, 270, 271

Lírica 164, 166, 167, 168, 169, 171, 174

Livro Didático 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 142, 153

Livro Infantil 145, 151, 189

Loucura 99, 100, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 204

Luto 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185

M

Morte 93, 157, 158, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 195, 196, 197, 205, 206, 209, 213

Multidisciplinar 15, 20, 38, 51, 63, 78, 91, 98, 102, 113, 125, 137, 144, 154, 164, 176, 187, 198, 208, 216, 227, 243, 246, 253, 257, 258, 269, 270, 271

Música 28, 118, 119, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266

N

Narrativa Mítica 208, 210, 212, 214

O

Operadores Argumentativos 78, 83, 89

P

Palavras 1, 15, 20, 26, 38, 39, 41, 42, 49, 51, 56, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 78, 80, 81, 82, 86, 89, 91, 102, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 132, 137, 140, 141, 142, 144, 146, 149, 154, 164, 165, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 180, 187, 198, 202, 208, 216, 227, 231, 232, 233, 241, 243, 258, 265

Pintura 169, 217, 218, 221, 222, 224

Poesia 149, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 202, 203, 234

Polifonia 78, 79, 80, 81, 82, 83, 90

Prática de Leitura 104, 108, 110, 111, 140

S

Semântica 13, 20, 22, 23, 25, 27, 28, 31, 36, 37, 40, 41, 54, 77, 79, 110, 116, 127, 173

V

Viola 227, 228, 230, 231, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Linguística, Letras e Artes e sua Atuação Multidisciplinar 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 